Capítulo XX — O cristianismo propagado

Todos os homens são filhos de Deus. Para todos, sem distinção de país, o sangue redentor correu no calvário[1]. Autor da natureza e da graça, o Pai celeste quer que o Sol de Justiça ilumine todas as raças, todas as tribos de que se compõe o gênero humano, assim como quer que o sol material ilumine todas as partes do mundo físico, a fim de que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade e participem das bênçãos de que o Mediador é a fonte[2]. Se, pois, o maior testemunho de amor que Deus possa dar aos povos cristãos é conservar-lhes a fé, a maior prova de misericórdia que possa dar às nações ainda sentadas nas sombras da morte é fazer brilhar a seus olhos o facho salutar do Evangelho.

Daí as missões, sua necessidade, sua existência perpétua no mundo desde a descida do Espírito Santo e a saída do Cenáculo. A história das principais missões que tiveram lugar nos diferentes séculos, desde o estabelecimento da Igreja até nossos dias, é um campo imenso. Nada, parece-nos, é mais próprio para elevar a alma que esse magnífico quadro das conquistas evangélicas. Tudo nele interessa; tudo nele fala à imaginação e faz bater o coração.

De uma parte, os povos desconhecidos a quem os missionários vão levar a boa-nova, as trevas espessas, a profunda degradação em que os encontram, os primeiros progressos do Evangelho, a mudança desses homens bárbaros em cristãos fervorosos; da outra, os recursos engenhosos, a dedicação heroica, a paciência infatigável dos missionários, os perigos sem número a que se expõem, as privações incríveis a que se condenam; tudo, nessa narrativa, conspira para reanimar o fervor e fazer bendizer o Deus bom que, tendo-nos tirado também a nós, na pessoa de nossos pais, da noite do paganismo, colocou nosso berço no meio das luzes admiráveis de seu Evangelho.

Acrescentai que as épocas e os êxitos das diferentes missões nos dão uma nova demonstração dessa Providência infalível que vela sobre a Igreja. Quando o facho sagrado se apaga junto a um povo culpado, vê-se logo passar a um povo novo. Não há na história fato mais constante nem mais instrutivo.

E depois, esses antropófagos que, mergulhados nas águas do batismo, se tornam homens e cristãos, essas pedras brutas que, sob a ação do Evangelho, se transformam em filhos de Abraão, esses mártires que derramam seu sangue pela fé, todos esses milagres de que brilha a história dos primeiros tempos do cristianismo e que a filosofia moderna ousava pôr em dúvida, não são eminentemente próprios para confundir a incredulidade e reanimar a fé, quando os vemos cumprirem-se ainda sob nossos olhos e pelos únicos missionários católicos?

Enfim, que assunto de meditação para um espírito sério no estranho espetáculo de que nosso século é testemunha! Há alguns anos o Espírito do Cenáculo parece, como nos primeiros dias, ter descido de novo sobre a Igreja. De todas as partes da cristandade levantam-se, à porfia, legiões de missionários, que partem à descoberta de novas praias. É no dia seguinte a uma revolução, rápida como o relâmpago, terrível como o raio, que, em três dias, quebrando três gerações de reis, sepultara sob ruínas sangrentas o antigo trono de São Luís, considerado por muitos o pedestal necessário do altar, é no dia seguinte, dizemos, a essa revolução que o zelo do apostolado se manifesta no meio da tribo santa, com um ardor desconhecido desde os tempos apostólicos.

Aqui os números são mais eloquentes que as palavras. Enquanto, de 1815 a 1830, o Seminário das missões estrangeiras só enviara às nações infiéis quarenta e seis apóstolos, no curto intervalo de 1830 a 1839 fez partir setenta e seis; por seu lado, a Congregação de São Lázaro só contara, de 1815 a 1830, sete partidas; de 1830 a 1835 teve mais de quarenta. E, como se isso não bastasse, as antigas ordens missionárias despertam; formam-se novas; todas rivalizam em zelo, e em breve o mundo faltará à ambição desses novos conquistadores.

Das montanhas geladas da América setentrional às planícies ardentes regadas pelo Ganges, das ilhas da Oceania e da Malásia até a Manchúria e a Coreia, do Tibete ao cabo da Boa Esperança, achai, se puderdes, algumas terras remotas ou terríveis em que tenham receado plantar o estandarte da redenção e regá-lo com seu sangue.

Há uma circunstância cuja oportunidade acrescenta ainda ao maravilhoso desse impulso apostólico. Quando, em 1830, o governo francês retirava às missões as esmolas concedidas pela Restauração e, em consequência dessa medida, se pensava em fechar o seminário das missões estrangeiras, eis que uma obra evidentemente providencial, uma obra desconhecida nos fastos da Igreja, uma obra até então fraca e obscura toma de repente, e contra todas as previsões humanas, um crescimento inexplicável. A obra da propagação da fé, que, em 1830, recebia apenas algumas centenas de milhares de francos, conta hoje suas receitas por milhões.

Somos testemunhas de outro milagre ainda maior: é o apostolado da mulher. Até aqui via-se a mulher encerrada no interior do lar doméstico. Os cuidados da família, algumas boas obras locais, quando muito o alívio dos doentes e a instrução dos pobres nos países civilizados absorviam a atividade das filhas e das irmãs da nova Eva. Hoje o espírito do apostolado as anima, sua força as sustenta; e, transformadas em novas criaturas, voam, como os missionários, a longínquas conquistas.

Timidez, delicadeza, preconceitos, laços de sangue, tudo desaparece: a mulher dá lugar à heroína. Como essas sementes leves que, nos dias de outono, o vento leva em todas as direções, a fim de dar nascimento a viveiros de flores e de arbustos, vemos nossas virgens católicas, alegremente levadas nas asas da Providência, atravessar os mares e pousar nos quatro cantos do mundo. À sua vista, o árabe, o chinês, o turco, o selvagem ficam estupefatos. Perguntam-lhes ingenuamente se são mulheres, e não anjos descidos do céu em linha reta! Tanto heroísmo, tantas virtudes num sexo que até então só souberam desprezar e aviltar é um mistério palpável que os dispõe a crer em tudo o que as Marabettes[3] vieram anunciar-lhes.

É preciso dizê-lo, para sua glória: as mulheres cumprem dignamente sua nobre missão; e, de seu lado, o Deus que as chama ao apostolado compraz-se em coroar de êxitos inesperados sua heroica dedicação. Graças a elas, a religião penetra onde o próprio missionário não pode ter acesso; a Irmã completa o Pai, e o novo Adão vê seu reino estender-se com rapidez e suas filhas, tanto quanto seus filhos, participarem dos benefícios da redenção.

Assim é que, dóceis ao conselho de Santo Agostinho, formamos com elos sólidos como o diamante, brilhantes como o rubi, a longa cadeia dos séculos cristãos, e conduzimos a história da religião desde a origem do mundo até nossos dias.

Notas

[1] 2 Cor 5, 15.

[2] Gn 22, 18.

[3] É o nome que os turcos dão a nossas religiosas.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:31 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:31 by Admin